

# UMA RAZÃO TÁCTIL?

Markus Figueira da Silva\*

A privação da visão sensível não pode ser confundida com a privação do saber, ou da sabedoria.

## ARTICULAÇÕES SOBRE A ORIGEM E DEFINIÇÃO DO CONHECIMENTO

O pensamento brota da sensibilidade. Esta proposição funda o empirismo, desde o seu nascimento até os dias atuais. Entretanto, a filosofia sempre nos ofereceu alternativas para indagarmos acerca da origem do conhecimento, como este se processa e todas as dificuldades relativas à fundamentação dos saberes. A razão, o *lógos*, o intelecto, o entendimento, a mente, por exemplo, são conceitos que tentam definir o âmbito onde principia a compreensão da realidade. De tais afirmações resulta a articulação de dois modos de apreensão das coisas, ou dois modos de conhecimento, que historicamente se confrontam, ou se harmonizam, no interior dos sistemas de pensamento, a saber: o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível.

Já em Platão, e pela primeira vez, vemos que razão e sensibilidade se organizam numa relação de causa e efeito, na qual o inteligível (as idéias) causa o sensível (as coisas do mundo que

---

\*Markus Figueira da Silva é Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/ CCHLA-UFRN.

os sentidos percebem), isto porque o conhecimento preexiste na alma dos indivíduos e não pode ser apreendido na relação com as coisas sensíveis. Se assim for, o uso dos sentidos possibilita apenas o reconhecimento daquilo que estava e está já presente na alma. Desse ponto de vista, aqueles indivíduos que não podem se valer de um ou mais sentidos prescindem do uso integral da sensibilidade para conhecer a realidade, sendo completamente possível o raciocínio em todos os níveis do conhecimento.

Se tomarmos como parâmetro o que pensou René Descartes<sup>1</sup>, existem duas substâncias, uma pensante (*res cogitans*) e uma extensa (*res extensa*) e, mais uma vez, aqui a razão é postulada como garantia do conhecimento, inclusive daquele que se julga, aparentemente, ser sensível.

Segundo um outro modo de investigação, o empírico, o conhecimento tem origem nas informações que os sentidos captam e transmitem ao entendimento. Neste sentido, não poderá haver nada no entendimento que não tenha antes passado pela sensibilidade.

Tanto Platão quanto Descartes discordarão dessa última explicação, pois afirmam que a via sensível é enganosa e não oferece critérios seguros para garantir o conhecimento. Kant tenta pôr um fim a essa longa discussão, dizendo que nem o empírico nem o que se chamou até aquele momento de racional podem fundamentar o conhecimento pleno da realidade, uma vez que o *em si* de cada objeto do conhecimento não se mostra. O que nos resta, segundo Kant, é fundar as bases para o conhecimento e sua objetividade, em que razão e sensibilidade interagem no processo cognoscente.

---

<sup>1</sup> Descartes, R. *Meditações*, Livro II.

## AO CEGO A POSSIBILIDADE DE ESTUDAR, INVESTIGAR E TEORIZAR

Esta brevíssima apresentação de algumas articulações sobre a origem e definição do conhecimento, na História da Filosofia, nos serve, aqui, apenas para introduzir uma questão fundamental: qual a melhor maneira de incluir o portador de necessidades especiais relativas à visão no ambiente educativo? Dito de outra maneira: quais os limites e qual o alcance no processo de aprendizagem que se podem aferir na prática educacional? Ou, ainda, como é possível operar com o pensamento perfeitamente, embora não se possa contar com o auxílio da visão?

A privação da visão sensível não pode ser confundida com a privação do saber, ou da sabedoria, uma vez que são recorrentes, na história da humanidade, exemplos de sábios com limitações visuais, tais como Homero, o adivinho Tirésias, Jorge Luis Borges e tantos outros.

Assim, quando lemos o mordaz texto de Denis Diderot *Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem*, identificamos a admiração e a curiosidade de saber como um cientista inglês, chamado Nicholas Saunderson, cego de nascença, teria inventado uma máquina para operar cálculos algébricos e para descrever figuras retilíneas<sup>2</sup>. Essa máquina, composta de alfinetes com cabeças de variados tamanhos, dispostos em quadrados e organizados sob a forma de uma tabela, lhe permitia fazer longos cálculos com assombrosa agilidade de dedos, a partir dos quais ele podia também imaginar todas as figuras retilíneas. Esse cientista parece ter inventado outros instrumentos para o estudo das matemáticas e da geometria, além de ser autor de uma significativa obra, como nos relata Diderot:

---

<sup>2</sup> Nicholas Saunderson (1682-1739), um dos mais renomados cientistas cegos. Matemático, foi professor em Cambridge e membro da Royal Society, *apud Os Pensadores*, 1988.

Ele é autor de uma obra das mais perfeitas do seu gênero. São os Elementos da Álgebra, onde só se percebe que ele era cego pela singularidade de certas demonstrações, as quais um homem que vê talvez não encontrasse. É da sua autoria a divisão do cubo em seis pirâmides iguais que têm o vértice no centro do cubo, e como base, cada uma de suas faces. Ela serviu para demonstrar de maneira muito simples que toda pirâmide é o terço de um prisma de mesma base e de mesma altura (...) Saunderson professou as matemáticas na universidade de Cambridge com êxito espantoso. Deu lições de ótica; pronunciou discursos sobre a natureza da luz e das cores; explicou a teoria da visão; tratou do efeito das lentes, dos efeitos do arco-íris e de várias matérias relativas à vista e a seu órgão. (1988, p. 237)

A ênfase dada às matemáticas e à geometria nos conduz de novo para Platão<sup>3</sup>, que afirmava serem as matemáticas, a geometria, a estereometria, a astronomia e a música saberes dianoéticos, isto é, formulados a partir da abstração, que preparavam a alma para contemplar as realidades eternas e imutáveis, ou seja, as idéias. Assim, estar privado da visão física das coisas impõe o desenvolvimento da capacidade de abstração a partir da percepção de outros órgãos sensíveis, o que em hipótese alguma invalida a possibilidade do conhecimento. Há que se notar que para nós, como para Aristóteles, a visão é o sentido privilegiado<sup>4</sup>, pois recorremos a ela de preferência aos demais. Entretanto, um novo universo se descortina quando refletimos sobre a possibilidade do conhecimento a partir do uso preferencial de um outro sentido.

Voltemos, pois, a Diderot:

---

<sup>3</sup> Platão, *A República*, VI.

<sup>4</sup> Aristóteles, *Metafísica*, I, cap. 2.

O exemplo do ilustre cego prova que o tato pode tornar-se mais delicado que a vista, quando aperfeiçoado pelo exercício; pois, percorrendo com as mãos uma série de medalhas, ele discernia as verdadeiras das falsas, embora as últimas fossem tão bem contrafeitas a ponto de enganar um conhecedor dotado de bons olhos; e ele julgava da exatidão de um instrumento de matemática, fazendo passar a extremidade dos dedos sobre suas divisões. Eis certamente algo mais difícil de fazer do que apreciar pelo tato a semelhança de um busto com a pessoa representada; de onde se vê que um povo de cegos poderia ter estatuários, e tirar das estátuas a mesma vantagem que nós, a perpetuar a memória das belas ações e das pessoas que lhes foram caras. Não duvido mesmo que o sentimento que experimentaríamos, ao tocar as estátuas, fosse muito mais vivo do que o experimentado por nós ao vê-las. Que doçura para um amante que houvesse mui ternamente amado, a de passear as mãos sobre encantos que reconheceria, quando a ilusão, que deve atuar mais fortemente nos cegos do que nos que enxergam, viesse a reanimá-los! Mas pode ser também que, quanto mais prazer sentisse nesta lembrança, menos pesares sentiria. (1988, p. 239)

O universo desconhecido do pensamento, e por que não dizer, da mente humana, põe limites às ciências que investigam positivamente o intelecto e as suas possibilidades. Tais limites refletem a fragilidade do poder de conhecer ao mesmo tempo em que investem na inventividade e no poder das abstrações, cálculos “seguros” sobre realidades as quais não se tem acesso mediante o uso dos sentidos. Sabemos muito bem o quanto dependemos dessas abstrações e desses cálculos e julgamos superdotadas as pessoas que se destacam no uso de tais capacidades racionais.

Contudo, identificamos como problema a impossibilidade de se fazer uso de um dos sentidos. Reconhecemos a descoberta de uma *supernova*, as teorias do *big bang* e do *big crunch*, ou a divisão

de um átomo em suas propriedades, mesmo sabendo que não são acessíveis aos sentidos. Acreditamos em Deus, em forças do bem e em forças do mal, sem a menor garantia sensível, mas geralmente não temos o cuidado suficiente para reconhecer que alguém com limitações visuais, por exemplo, pode ter um alcance de pensamento maior e mais veloz do que uma pessoa que faz uso pleno de todos os sentidos.

Na verdade, a ausência de um sentido gera imediatamente a necessidade de maior desenvolvimento de um outro. É o caso do cientista Saunderson, ou dos afinadores de piano de Paris, o primeiro pela admirável habilidade com os dedos e a incomparável sensibilidade tátil, os outros pelo ouvido absoluto que desenvolvem.

Diante destes exemplos, podemos creditar ao cego a possibilidade de estudar, investigar e teorizar acerca de qualquer domínio do conhecimento humano, desde que se criem instrumentos, ferramentas, que facilitem o seu acesso ao saber.

Se levarmos em consideração o fato de precisarmos do uso dos sentidos para termos impressões da realidade e transformá-las em pensamento, podemos nos valer dos cinco sentidos, indiscriminadamente, fazendo com que um possa substituir um outro, caso este não possa ser utilizado para a aquisição de um determinado saber. Se admitirmos a tese contrária, que advoga o inatismo, ou que o conhecimento já se encontra presente na alma do indivíduo, menos necessidade acharíamos na completude dos sentidos para garantirmos o conhecimento.

E, finalmente, se não podemos conhecer totalmente a realidade, e se estamos limitados ao campo objetivo que se nos apresenta, e que para conhecermos devemos utilizar indistintamente os sentidos e a razão, nada impede que uma pessoa com limitações visuais, por exemplo, forme idéias da objetividade das coisas, ainda que não tenha garantias do conhecimento exato delas, ou seja, das realidades *em si*.

## VER COM OLHOS LIVRES

Torna-se evidente, pelo exposto, que precisamos “ver com olhos livres” o desafio que se nos impõe de buscar fornecer mecanismos que auxiliem na inclusão dos alunos que desejam naturalmente conhecer e possuem capacidades naturais para atuar no processo ensino-aprendizagem, no qual o professor, tanto quanto o aluno, está aprendendo.

Resta-nos, ainda, fomentar incentivos reais para que a inclusão se faça em todos os domínios da sociedade, tendo a educação como elemento fundamental na preparação dos homens presentes e futuros, limitados e não limitados. Trata-se, tão-somente, de uma mudança de mentalidade, de uma mudança de atitude e, sobretudo, de uma diferente visão de mundo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, *Metafísica*, Madrid: Ed. Gredos, 1997.

DESCARTES, R. *Meditações*, In: *Os Pensadores*, São Paulo: Ed. Abril, 1988.

DIDEROT, D. *Carta Sobre os Cegos Para o Uso dos que Vêm*, In: *Os Pensadores*, São Paulo: Ed. Abril, 1988.

PLATÃO, *A República*, Lisboa: Ed. Calouste Gulbenkian, 1997.